

E AGORA, RUI?
 ESBOÇO DE UMA POÉTICA AFRO-BRASILEIRA

"sou o Robin Hood dos Parnasos e das Pasárgadas"

Ana Maria de Almeida

Rui Knopfli, natural de Moçambique, é um dos grandes representantes da poesia construída na tensão entre a formação europeia e a cultura africana. Knopfli publicou os seguintes livros de poesia: *O País dos Outros* (1959), *Reino Submarino* (1962), *Máquina de Areia* (1964), *Mangas Verdes com Sal* (1969), *A Ilha de Próspero* (1972). Com João Pedro Grabato Dias editou os cadernos de poesia *Caliban*.

Sob o signo de Próspero e Caliban, sua poesia expressa o dilaceramento psíquico e cultural do homem branco ante a realidade moçambicana:

Europeu, me dizem.
 Eivam-me de literatura e doutrina
 europeias
 e europeu me chamam.

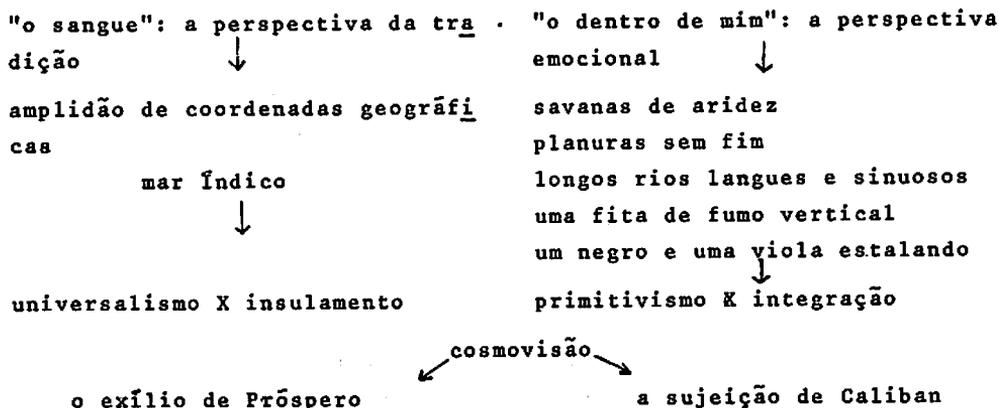
Não sei se o que escrevo tem raiz de algum
 pensamento europeu.
 É provável...Não. É certo,
 mas africano sou.
 Pulsa-me o coração ao ritmo dolente
 desta luz e deste quebranto.

Trago no sangue uma amplidão
 de coordenadas geográficas e mar Índico
 Rosas não me dizem nada;
 caso-me mais à agrura das micaias
 e ao silêncio longo e roxo das tardes
 com gritos de aves estranhas.

Chamais-me europeu?
 Pronto, calo-me. Mas dentro de mim há savanas de ari
 dez

e planuras sem fim
 com longos rios langues e sinuosos,
 uma fita de fumo vertical,
 um negro e uma viola estalando.¹

Ser em trânsito entre as duas culturas, o poeta repassa os itinerários das tradições do branco colonizador e explora os contornos dos mapas da terra colonizada. Daí a importância da visão dicotômica do espaço nesse poema:



À multiplicidade dos possíveis itinerários correspondem o estranhamento do olhar que prescruta o cenário da ilha e a emoção que capta os apelos primitivos e telúricos. Desse modo justifica-se por que o apelo sensual se manifeste na acumulação das expressões visuais e auditivas:

silêncio longo e roxo
 gritos de aves estranhas
 uma fita de fumo vertical
 um negro e uma viola estalando

A oposição entre *rosas* (símbolo do absoluto e da perfeição) e das *micaías* (representação do primitivo e do selvagem) relaciona-se com a oposição *Próspero* e *Caliban*, assim como se refere ao dilema da poesia como *puro fazer* e como *fazer para*. Em *Mangas Verdes com Sal*, Knopfli retoma o tema, agora em busca da poesia independente de temas sociais e regionais:

"A DESCOBERTA DA ROSA

"Rosas não me dizem nada..."

Dez anos, de poesia, fora a gaveta

e descubro que, a não ser ocasionalmente
 e em ar de troça, jamais me debrucei
 deveras sobre o tema da rosa. De resto
 eram para mim, creio, marginais as flores,
 Vícios de formação e juventude,
 uma tão intensa preocupação do humano
 que olvidei a discreta angústia da rosa.
 Outros, não o ignoro, nela tiveram seu princípio
 para a deixarem depois esquecida entre as páginas
 de um qualquer velho livro, tão cheios, eles,
 de ternura e simpatia fraternas, coisas
 que já eludem este coração envilecido.
 Salvo o devido respeito por tudo quanto é útil
 e estimável na terra, faltam-me o tempo
 e o ânimo para as empreitadas mais ingentes.
 E o pouco que me sobra tenciono aplicá-lo
 em tarefas humildes como o cultivo
 destes versos, algum súbito amor inadiável
 e a lenta e minuciosa descoberta da rosa.²

Como nos poemas "Anúncio da Rosa" e "Procura da Poesia", de
 Carlos Drummond de Andrade³, a busca poética

pense uma rosa na pura ausência, no amplo vazio (CDA)

e a lenta e minuciosa descoberta da rosa (R.K.)

A poesia (não tires poesia das coisas)

elide sujeito e objeto (CDA)

de um qualquer velho livro, tão cheios, eles,

de ternura e simpatia fraternas, coisas

que já eludem este coração envilecido (R.K.)

torna-se reflexão sobre a poesia *não instrumental*, não acontecimen-
 to; a poesia, enfim, voltada para sua funcionalidade específica, numa
 condensação que supera o hiato entre o sujeito e objeto, ao mesmo tem-
 po que reflete, na sua *atualidade*, o conflito do eu com o mundo, do
 ser com a cultura.⁴

A indagação ao ser e do fazer poético projeta-se no espaço
 estruturado por multifacetada realidade mítica, religiosa, racial e
 intelectual:

Terraço da Misericórdia

As sombras salmodiam tristemente

versículos do Corão. Adejam brancas
túnicas na moleza da brisa morna:
A velha Misericórdia cuida da alvenaria

retocada de m'siro alvíssimo
e, por entre vielas e pracetas,
finge ignorar ao longe o verde moço
da Mesquita. Pai Nosso, Ave Maria,
do rosário, falhado por mãos
macuas, caem as contas negras.
Os lábios ressequidos do velho patiah
respondem ciciando mediúnicos o Gayatri:

Tat Savitur vareniam bhargo devasya
dhimani dhigo yo nah pracodayat.
Coração perplexo, amassado na argila
do templo, qual o teu nome verdadeiro:

Gafar, Govinde, ou Gonzaga?⁵

Que sombra do Grande Poeta vagueia no mosaico cultural da ilha, e que lugar é esse de desterro e criação? Sente-se, nesses versos, a ressonância de um motivo comum às literaturas dos países colonizados por Portugal: o deslocamento no tempo e no espaço que, no Brasil, conformou o gauchismo de Drummond, o provincianismo à Bandeira.

Em decorrência desse estranhamento, dessa perspectiva da realidade estranhada, torna-se constante, em Knopfli e em Drummond, a imagística relacionada com o olho-espelho que não deforma o observado, mas o coloca em outras dimensões ou proporções:

São palavras a dar, são pensamentos
ou nem isso: calados num café,
graves, lendo o jornal. Oh, tão melhor
com o russo em Berlim.

Pois também a palavra era proibida
As bocas não diziam. São os olhos
no retrato, no mapa. São os olhos
com o russo em Berlim.

(CDA)

Os meus versos nem sempre são
 aquilo que parecem e nunca
 dizem o que parece estarem a dizer.
 Nestas coisas de poesia,
 desde a pontada do lado esquerdo
 ao tenente russo que passeia
 no azul, mirando as nuvens
 ao avesso, o mínimo detalhe
 pode ter importância máxima.

Olhando o rio,
 há quem só veja a transparência
 das águas sem atentar
 no sofrimento das margens,
 tal como não é imediatamente óbvio
 que o cariz amargo destes versos
 decorra de outros motivos
 e razões que não sejam
 exclusivamente do foro íntimo
 (R.K.)

Quando a palavra é interdita, as imagens se refrangem sobre elas mesmas, indagando a potencialidade de o enunciar instaurar a nova ordem do ser que se percebe fragmentado. Evidentemente, as referências ao soldado russo nos versos acima, pertencem a épocas e a situações diversas; são elas, todavia, congruentes com o senso de marginalização comum aos dois poetas, o qual lhes permite delinear um novo modo de ver (torto, aos avessos, inquiridor) o mundo e o ser social.

Essa perquirição, tanto do fazer poético quanto do "imediatismo" social é, em Knopfli, também congruente com a observação do frio envolvimento sexual do homem branco com a mulher negra, despojado de afetividade, e a tensa ansiedade ante a miscigenação, que terá como fruto o mulato.

Sou branco, escolhi-te.
 Hoje durmo contigo.
 Negro é teu ventre,
 porém macio.
 E meus dedos capricham
 sobre o aveludado relevo
 das tatuagens.

Denso e morno é o luar,
 cálido o cheiro húmido
 do capim, acre o hálito
 fundo da terra.
 Venho cansado e tenho
 fome de mulher. Sou branco.
 Escolhi-te. Hoje durmo contigo:
 Um ventre negro de mulher
 arfando, a meu lado arfando,
 o cansaço, o espasmo
 e o sono. Nada mais
 Amanhã parto. E esqueço-te
 Depressa te esqueço.
 E teu ventre?

Ao mesmo tempo que se entrega à aventura de novos mundos, o representante do mundo civilizado tenta manter intactas suas tradições - Próspero defende-se de Caliban. Encontramos em Mário de Andrade semelhante defesa apaixonada, que nada mais é do que a recusa do mito da fácil aculturação, assim como a renúncia aos recursos do branqueamento ou do crioulisto estéticos, mascaradores da experiência vivida. Vejam-se, por exemplo, os *Poemas da Negra*, de que selecionamos o seguinte trecho:

Flores!
 Apaixonadamente meus braços desgalham-se
 Flores!
 Flores amarelas do pau-darco secular!

Eu me desgalho sobre teu corpo manso,
 As flores estão caindo sobre teu corpo manso,
 Te cobrirei de flores amarelas!

Apaixonadamente
 Eu me defenderei!⁷

Segundo o conceito da *negritude* como única via de valorizar e definir a real *africanidade* de uma literatura não mais vinculada ao espírito da metrópole, Knopfli tem sido considerado um escritor euro-africano, mais universalista do que regionalista e mais espectador do que participante.⁸ Acreditamos, todavia, que o estudo comparado das literaturas de expressão portuguesa poderá apresentar os contornos de um espírito de *afro-brasilidade* que aponte consonâncias e ressonâncias -

cias não sō temáticas, mas também formais. E essa afro-brasilidade comprovará, certamente, que o senso de marginalidade nos atrai aos Parnasos tradicionais e nos afasta deles, fazendo-nos ansiar como velhos aventureiros saudosos de suas raízes, pelos eldorados das Pa-sãrgadas ou pelas mangas verdes e agrestes da infância, da purezapri-mordial. Comprovará, outrossim, que a busca de integração eu/mundo se dissolve na perspectiva irônica do ser deslocado numa geografia indefinida:

E agora, José?
 A festa acabou,
 a luz apagou,
 o povo sumiu,
 a noite esfriou,
 e agora, José? (CDA)

Esse perfil distante de cimento
 e argamassa é toda uma geometria
 decantada e gostosa molhando os quadris
 deleitados no charco doce da baía.

Diacho, que perfil mais bonito, hein?
 Então, Rui, que é isso,
 não vais agora comover-te?
 (R.K.)

N O T A S

1. KNOPFLI, Rui in *Poetas de Moçambique*, Lisboa, Casa dos Estudantes do Império, 1962, p. 107-108.
2. _____ *Mangas Verdes com Sal*, Publicações Europa-América, 1969, p. 107. No prefácio dessa obra, Eugênio Lisboa desenvolve uma polêmica com Alfredo Margarido, a respeito da poesia moçambicana: "...dizer ao Alfredo Margarido que se lembre do Alain que afirmava ser a Poesia "uma forma de fazer e não uma forma de pensar; que" a literatura social é apenas uma espécie de literatura e não é o núcleo da teoria da literatura", que a representatividade social de um poeta não é medida da sua grandeza poética visto que, se o fosse, era o Joaquim Namorado, por representar "mais gente" do que o Antero ou o Pessoa, por certo maior poeta que o Antero ou o Pessoa; que é por isso escandaloso num prefácio de vinte e duas páginas, que antecede uma antologia de "Poetas de Moçambique", dedicar a Reinaldo Ferreira uma fracção de um parêntesis de uma linha, a pretexto de que este Poeta (juntamente com Glória de Sant'Anna) "se divorcia dos problemas imediatos", quando, no mesmíssimo prefácio, arrasta um Fernando Ganhão, de cuja existência poética ninguém se apercebe, ao longo de quatro suculentas páginas onde de tudo se fala menos de Poesia; que Noémia de Sousa é um mito que não vale a pena manter de pé, por mais simpatias que possam merecer as boas intenções dos seus poemas tão prolixos como balbuciantes". Acreditamos ser importante esta longa citação do prefácio de Eugênio Lisboa para situar o leitor brasileiro dentro da problemática da *poesia pura* e da *poesia social*, bem como da transplantação e adaptação literária - fenômenos comuns às literaturas da comunidade afro-brasileira de língua portuguesa.
3. Rui Knopfli confessa ironicamente a influência exercida sobre sua poesia por outros poetas, entre os quais poetas brasileiros, principalmente Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. Veja-se o magnífico poema "Contrição" de que extraímos algumas passagens mais significativas

Meus versos já têm seu detractor sistemático
 uma misoginia desocupada entretém os ócios
 compridos, meticulosamente debruçada sobre
 a letra indecisa de meus versos.

Em vigília atenta cruza o pèriplo das noites
de olhos perdidos na brancura manchada do papel,
progredindo com infalível pontaria
na pista das palavras e seus modelos.

Aqui se detecta Manuel Bandeira e além
Carlos Drummond de Andrade também
brasileiro. Essa palavra *vida*
foi roubada a Manuel da Fonseca
(ou foi o russo Vladimir Maiacovsky
quem a gritou primeiro?). Esta,
cardo, é Torga indubitável, e
se Deus Omnipresente se pressente,
num verso sô que seja, é um Deus
em segunda trindade. colhido no Rêgio
dos anos trinta. Se me permito uma blague,
provável é que a tenha decalcado em O'Neill
(Alexandre), ou até num Brecht (...)
:.....
Felizmente é pouco lido o detractor de meus versos,
senão saberia que também *furto em Vinícius*,
Eliot, Robert Lowell, Wilfred Qwen
e Dylan Thomas. No grego Kavafi,
no chinês Po-chu-I, no turco
Pir Sultan Abdal, no alemão
Günter Eich, no russo André Vozenesensky
e numa boa mancheia de franceses. Que desde
a Pedra Filosofal arrecado em Jorge de Sena
Que subtraio de Alberto de Lacerda
e pilho em Herberto Helder e que
- quando lã chego e sempre que posso -
furto ao velho Camões. Que, em suma,
roubando aos ricos para dar a este pobre,
sou o Robin Hood dos Parnasos e das Pasárgadas.

In. *Mangas Verdes com Sal*, op. cit., p. 38-39.

Pode-se pensar, em termos de uma comunidade afro-brasileira, no fenômeno comum do crioulisto cultural, do cosmopolitismo que caracteriza as culturas *espelhadas* dos países colonizados. É, dessa perspectiva que se entende por que a epígrafe de *A Ilha de Próspe-*

no, de Rui Knopfli, transcreve Jorge de Sena in "Peregrinatio ad loca Infecta".

"Eu sou eu mesmo a minha pátria. A pátria de que escrevo é a língua em que por acaso de gerações nasci(...)

4. É importante lembrar que o conflito da dissociação eu X mundo na poesia de Drummond, analisado, de modo admirável, por Affonso Romano de Sant'Anna: "Entenda-se poesia, portanto, como algo que se contém a si mesmo, um misto de conteúdo-contenente, ou como diria êle mesmo em "Procura da Poesia"(OC.138): "A poesia (não tires poesia das coisas) elide sujeito e objeto": Assim compreendida, a poesia é uma procura que se realiza enquanto procura, é um composto sujeito-objeto resultante do conflito inicial EU versus Mundo. E, como tal, ela se ergue como um produto autônomo, acabado e válido por si mesmo. SANT'ANNA, Affonso Romano, *Drummond; O Grand no Tempo*, Rio, Lia, INL, 1972, p. 201
5. _____ *A Ilha de Próspero* (textos e fotos de Rui Knopfli. Roteiro Privado da ilha de Moçambique. Prefácio de Alexandre Lobato) Lourenço Marques, 1972. A estrutura desta obra apresenta curiosa semelhança com *Cantaria Barroca*, do poeta mineiro Affonso Avila, de 1975.
6. _____ *Reino submarino*, Lourenço Marques, Publicaes Tribuna, 1962, p. 30.
7. ANDRADE, Mario. *Poema da Negra in Poesias Completas*; São Paulo, Martins Editora, 1966, p. 187-188
8. Isso pode ser comprovado, por exemplo, na análise de Russell G. Hamilton, in *Voices from an Empire, A History of Afro-Portuguese Literature*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1975.